

NOSSA  
SENHORA  
DA  
AÇOTEIA

---

VENCEDOR DO PRÉMIO LUSO-BRASILEIRO DE  
DRAMATURGIA ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA 2012

---

Luís Campião

*Chiado Editora*

COLECÇÃO

VIAGENS NA FICÇÃO

*Chiado Editora*

chiadoeditora.com

Um livro vai para além de um objecto. É um encontro entre duas pessoas através da palavra escrita. É esse encontro entre autores e leitores que a Chiado Editora procura todos os dias, trabalhando cada livro com a dedicação de uma obra única e derradeira, seguindo a máxima pessoana "põe tudo quanto és no mínimo que fazes". Queremos que este livro seja um desafio para si. O nosso desafio é merecer que este livro faça parte da sua vida.



[chiadoeditora.com](http://chiadoeditora.com)

© 2013, Camões – Instituto da Cooperação e da Língua I.P. e Chiado Editora

E-mail: [info@chiadoeditora.com](mailto:info@chiadoeditora.com)

Autor: Luís Campião

Título: Nossa Senhora da Açoteia

Foto do autor: Margarida Garcia

Coordenação editorial: Martina Ricci

Composição gráfica: Paula Costa – Departamento Gráfico

Capa: Vasco Lopes | [www.vlgraphicdesign.com](http://www.vlgraphicdesign.com)

Impressão e acabamento: *Chiado Print*

1.ª edição: Fevereiro, 2013

ISBN: 978-989-51-0148-1

Depósito Legal n.º 353731/13

LUÍS CAMPIÃO

NOSSA  
SENHORA  
DA AÇOTEIA

*Chiado Editora*

*Algarve, Portugal.*

*Cozinha muito pequena e muito pobre, sugerida economicamente por elementos de cenário estritamente necessários. A luz deverá vir de "dentro da cena", da própria cozinha, limitando-se o uso de projectores do exterior da cena ao mínimo possível.*

*Uma mulher, que deverá ser representada por um homem, fala.*

1

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, assim como era no princípio, agora e sempre. Ámen.

Quando era moça pequena sentava-me num vaso, em que pelo menos naquele tempo as crianças se demoravam às vezes sentadas, e entretinha-me rasgando bocadinhos de papel que tentava colar com saliva à parede. Depois dizia: S. António, S. José, S. João, S. Francisco.

Isto desde gaiata. Muito novinha.

Tinha uma Nossa Senhora que brilhava no escuro. Era de quem eu mais gostava. A Nossa Senhora. Tão bonita, toda iluminada. Era quem me livrava dos piores castigos.

Tinha muita fé na Nossa Senhora. Pensava eu que, se aparecia a três pastorinhos na Cova da Iria, também me podia aparecer na açoteia. Não lhe custava nada. A Nossa Senhora da Açoteia.

Coisas de moça pequena.

A minha santa mãe – que Deus a tenha –, é que me ouvia os disparates todos. “Há-de aparecer. Eu tenho a certeza. A Nossa Senhora gosta de todos os meninos e aparece a quem lhe reza muito”. E eu rezava-lhe muito. Passava tantas horas de joelhos que até ouvia a minha mãe dizer que aquilo me fazia mal. “A moça não pensa em mais nada a não ser rezar. Há-de ir para freira”. Mas freira é que eu não queria ser. Eu queria é que a Nossa Senhora me aparecesse, que eu tinha muitas mágoas para lhe confessar.

Depois lá me passou.

Depois apareceu o Francisco. E o Francisco não queria saber dos santinhos. Nem do de Assis a quem roubou o nome porque a mãe era devota. Deus a tenha.

Dos santinhos o Francisco não queria saber. Ele queria era saber de outras coisas que dizia que também eram santas. “Mas ó Maria, se não queres ir para freira dá cá um beijinho *qu’isto* que eu sinto por ti arde-se-me como um fogo que só pode ser o Espírito Santo”. “De santinhos percebo eu ó Francisco e isso que tu tens *p’r’aí* não é o Espírito Santo”.

Por pouco não me levava. Levado do diabo.

Mas era o que eu fazia. Naquele tempo. Rasgava bocadinhos de papel, colava-os com saliva na parede e aquilo passava a ser o meu oratório. S. José, S. João, S. Francisco, S. António...

Até hoje a Nossa Senhora nunca me apareceu. Mas nunca se sabe quando um milagre pode acontecer. A minha querida Nossa Senhora.

A minha trisavó viveu até aos duzentos anos. Mulher rija. Tenho bons genes. A morte não quer nada comigo. Pois sim. Hei-de viver até aos duzentos anos. Assim como assim, até aos duzentos anos.

Os homens são os homens. Valem o que valem. E não valem nada. Deixam-nos sozinhas enquanto dormem ao nosso lado. Habitua-nos à solidão, diabos os levem. Dão-nos os filhos e desaparecem nas tabernas. Chegam a casa, abrem-nos as pernas, servem-se, viram-se para o lado, dormem. São assim os homens. Assim me dizia a minha mãe. Assim me dizia a minha avó.

A Anequinha teve sorte. Teve um bom homem. Aquilo é que era um homem. Sempre do lado dela. Sempre ao lado dela. Se ela se queixava de alguma coisa lá estava aquele homem ao pé dela. Sempre muito bem arranjado, que aquilo não era homem para se desleixar. Nunca lhe vi

uma nódoa na camisa. Sempre bem arranjado. Algumas de nós nascem com sorte. Têm bons homens. Homens santos. Mas foi único. Nunca conheci homem como aquele. “Como vai vizinha? Precisa de alguma coisinha vizinha? Veja lá vizinha, se não precisa de nada.” Que homem é que fala assim? Quem é que não quer um homem que fala assim?

Morreu. Homens como aquele não deviam morrer. Deviam viver como a gente até aos duzentos anos. Para homens como aquele dá gosto a gente fazer o comer. Nunca se queixam. Comem o que se lhes põe na mesa. Dá gosto a gente fazer o comer.

---

O que a minha mãe tinha pelo meu pai não era deste mundo. Não me dizia ela por palavras, que para estas coisas a gente não usa palavras, mas eu lia-lhe os olhos. Sabia o que ela me dizia. E estas coisas, nós vamos aprendendo.

O meu pai sentava-se à mesa e não abria a boca. Não se lhe ouvia uma palavra. E se abrisse a boca estava o caldo entornado. Já se sabia. Era sair da mesa e fechar a porta do quarto que ia haver festa. No dia seguinte lá estava a minha